

## A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO ENTRE A FAMÍLIA E A ESCOLA PARA O APRENDIZADO DA CRIANÇA

Mayara Rossi<sup>1</sup>  
Estêveno de Freitas Rodrigues<sup>2</sup>  
Lilian Regina Simões<sup>3</sup>  
Sônia Aparecida Araújo Verdelho<sup>4</sup>

### RESUMO

O presente artigo foi baseado em uma pesquisa de campo, de caráter qualitativo, com o uso de questionário aberto e entrevista como instrumentos metodológicos, fundamentada por diversos autores renomados: Ariès (1981), Canivez (1991), Capeletti (2005), Dias (1997), Di Giorgi (1980), Freire (2007), Kaloustian (1998), Lèrios (2006), Maturana (2000), Pereira (2008), Reis (2002), Silva (2013), Tosta (2013) e Zagury (2002). A pesquisa foi realizada com os educadores e gestores de escolas municipais e estaduais da cidade de Vilhena-RO, tendo como objetivo compreender a importância da relação família e escola no processo de aprendizagem da criança, sendo essa a principal questão respondida no trabalho. Os resultados mostraram que há certa falta de comprometimento e envolvimento por parte da família no processo educativo dos filhos, e que a atual relação entre família e escola é preocupante; uma vez que, um número considerável de famílias não participa do processo escolar. A responsabilidade de educar em muitos casos é deixada sobre a escola, sem ainda destacar, a desestrutura familiar e os diferentes contextos familiares existentes. Causando enfim, problemas que afetam o aprendizado e o desenvolvimento da criança, assim como, o andamento escolar.

**Palavras-chave:** Relação; Família; Escola; Aprendizado; Desenvolvimento.

### ABSTRACT

This article was based on a qualitative field research, with the use of an open questionnaire and interview as methodological instruments, supported by several renowned authors: Ariès (1981), Canivez (1991), Capeletti (2005), Dias (1997), Di Giorgi (1980), Freire (2007), Kaloustian (1998), Lèrios (2006), Maturana (2000), Pereira (2008), Reis (2002), Silva (2013), Tosta (2013) and Zagury (2002). The research was carried out with educators and managers of municipal and state schools in the city of Vilhena-RO, aiming to understand the importance of the relationship between family and school in the child's learning process, which is the main question answered at work. The results showed that there is a certain lack of commitment and involvement on the part of the family in the children's educational process, and that the current relationship between family and school is worrying; since, a considerable

<sup>1</sup> Especialista em Psicopedagogia Escolar pela FAVENI, Graduada em Pedagogia pela FAEL, Professora Efetiva do Estado do Mato Grosso, Juína-MT, e-mail: professoramayararossi@hotmail.com.

<sup>2</sup> Acadêmico de Ciências Biológicas pelo IFMT, Juína-MT, e-mail: estevenorodrigues@hotmail.com.

<sup>3</sup> Especialista em Psicologia Escolar pela FASA, Graduada em Letras pela UNIR, Professora Efetiva do Estado do Mato Grosso, Sapezal-MT, e-mail: lilianarthur8815@gmail.com.

<sup>4</sup> Especialista em Gestão Escolar pela UFMT. Graduada em Matemática pela UFMT. Nova Brasilândia - MT. E-mail: soniaverdelho@hotmail.com.

number of families do not participate in the school process. The responsibility to educate in many cases is left to the school, without even highlighting the family structure and the different existing family contexts. Finally, causing problems that affect the child's learning and development, as well as school progress.

**Keywords:** Relationship; Family; School; Learning; Developmen.

## 1. INTRODUÇÃO

O processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança é complexo e depende de uma diversidade de fatores, entre eles, é fundamental em seus primeiros anos, o apoio e o estímulo de seus principais formadores: família e escola.

É sabido que a família, enquanto primeiro grupo social da criança é quem transpõe valores éticos, morais, espirituais e humanitários. É responsável por dar as condições básicas para que a criança possa construir sua identidade. Portanto, a família exerce uma função constitucional no seu desenvolvimento. Um pai, uma mãe e filhos é a imagem que costuma definir uma família. Contudo, é apenas um modelo tradicional entre os muitos outros que existem e se formaram nos últimos tempos. A criança nasce dentro de um desses tipos de contexto familiar e é nele o primeiro contato com outras pessoas, é o primeiro grupo social a ter acesso, e é neste momento em que terá experiências mais diretas e significativas em seu desenvolvimento. Formará suas referências mais marcantes sobre sentimentos, limites, ética, moral, caráter, o certo e o errado... e que acompanharão pelo resto da vida.

Segundo Maturana (2006, p. 163), família é:

Um domínio de interação de apoio mútuo na paixão por viver juntos em proximidade física ou emocional, gerado por duas ou mais pessoas, seja através de um acordo explícito ou porque crescem imersos nele, no acontecer de seu viver [...]. Como sistema, uma família existe no âmbito biológico, através da realização do viver de seus componentes. Além disso [...] se realiza no linguajar e emocional de seus membros como um caso particular de configuração de conversações recorrentes (organização) que definem como membro de tal classe.

Após o convívio familiar, a criança passa a fazer parte de outro grupo de socialização, que é a escola, a qual também exerce influência na formação dos valores, na cultura e na identidade da criança.

Para Aranha (2001) a escola, como função de socializadora, também tem a responsabilidade na formação do caráter dos indivíduos que estão sob a sua admoestação formal. A escola deve atuar na formação integral dos alunos e promover o pleno desenvolvimento do indivíduo como cidadão. Neste espaço a criança deverá encontrar meios

de se preparar para realizar seus projetos de vida, e um ensino de qualidade é condição necessária para a formação intelectual e moral dos educandos. Dessa maneira, os educadores e todos os profissionais da educação, assim como, a comunidade escolar, as formas de se avaliar, o espaço escolar, as metodologias, ou seja, o currículo como um todo devem preparar o indivíduo de forma integral, levando a ética ao centro de reflexão e do exercício da cidadania.

Devido tamanha influência que família e escola exerce na aprendizagem, o presente trabalho visa analisar a importância dessa relação para o processo de aprendizagem da criança. Para isso, iremos descrever inicialmente, a trajetória histórica do conceito de família e infância no decorrer dos tempos. Adiante, o papel dos formadores: família e escola. Em sequência, como acontece essa relação na atualidade tão defendida como importante, porém ainda não praticada eficazmente em muitas escolas brasileiras. Destacamos os problemas que as escolas enfrentam na relacionadas as famílias. Ressaltamos também, os benefícios e consequências da participação e não participação da família no processo educativo de seus filhos.

Finalizo descrevendo os resultados obtidos através da pesquisa, de reflexões e leituras sobre o assunto. Por meio da pesquisa foi possível identificar alguns problemas quando o assunto é relação família e escola, e como já citado, está interfere seriamente no aprendizado do aluno, contribuindo tanto positivamente quanto negativamente em seu desenvolvimento.

Segundo os educadores e gestores das escolas cujo foram o objeto de estudo, grande parte das famílias não participam ativamente do processo escolar de seus filhos. Algumas famílias comparecem a instituição somente no momento da matrícula e rematrícula, depois somem, não atendem aos telefonemas e nem respondem aos bilhetes enviados, não participam das reuniões bimestrais ou mesmo quando convocados. Citam ainda, que na sua grande maioria, esses são os pais ou responsáveis dos alunos mais problemáticos da escola, indisciplinados, que possuem comportamentos agressivos, desrespeitosos e inadequados.

Neste enfoque, por um lado a pesquisa permitiu identificar que há professores e gestores muito insatisfeitos com a participação dos pais. Por outro lado, algumas famílias desejam ser escutadas pela escola e estarem mais presentes, todavia alegam não terem tempo por estarem ocupadas com seus trabalhos, profissões e estudos.

Destaca-se que a temática tratada aqui ainda pode ser mais bem explorada, para produzir mais conhecimento sobre o assunto, sendo está uma pequena contribuição para esse tema tão vasto, que a cada dia sofre transformações e modificações.

## 2. FAMÍLIA E CRIANÇA: DO SURGIMENTO AOS TEMPOS ATUAIS

Para entender a relação existente entre a família com os seus filhos, é necessário voltar no tempo, e fazer uma breve análise histórica, para compreender como era constituída a família na antiguidade até os tempos atuais.

O conceito de infância na Idade Média também conhecida como Idade das Trevas era praticamente inexistente. As crianças eram vistas como adultos em miniatura, sem características próprias e diferenciadas, sem suas particularidades e especificidades. Uma prova disso, é que durante este período, toda e qualquer obra retratava figuras de crianças no formato de adultos em tamanho pequeno apenas, adultos em miniatura. Em uma pintura de Ariès (1981, p.50) “a cena do evangelho”, comprova-se isso:

O tema é a cena do evangelho em que Jesus pede que se deixe vir a Ele as criancinhas, [...] ora o miniaturista agrupou em torno de Jesus oito verdadeiros homens, sem nenhuma das características da infância: eles foram simplesmente reproduzidos numa escala menor. (ARIES, 1981, p.50).

Sendo assim, os estudos do autor destacam que, durante parte da Idade Média ou Idade das Trevas, as crianças eram consideradas como adultos em miniatura, sem estatuto social e autonomia. Além disso, a criança também era vista como um membro da família que deveria ajudar nas tarefas tanto quanto os mais velhos, sem haver preocupação de suportarem ou não. Ainda na Idade Média as taxas de mortalidade após o nascimento eram altíssimas devido à falta de preparo com o parto e com os primeiros cuidados básicos. Porém, a partir do século XVII começa a mudar o conceito de infância, está passa a ser definida como um período de ingenuidade e fragilidade do ser humano, que deve receber todos os incentivos possíveis. No início deste processo de mudanças tem-se como marca o ato de mimar e paparicar as crianças, embora em muitos casos este ato estava apenas relacionado a uma forma de se divertir com a presença das mesmas, ou seja, era um meio de entretenimento dos adultos. Percebe-se isso na seguinte citação de Ariès:

Contudo, um sentimento superficial da criança – a que chamei de “paparicação” – era reservado á criancinha em seus primeiros anos de vida, enquanto ela ainda era uma coisinha engraçadinha. As pessoas se divertiam com a criança pequena como um animalzinho, um macaquinho impudico. Se ela morresse então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois outra criança logo a substituiria. A criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato (ÁRIES,1981, p.10).

No entanto, inicia-se somente no século XIX, a verdadeira preocupação com a higiene, saúde física e educação das crianças:

[...] desde a “paparicação” até a educação. Havia também uma grande preocupação com sua saúde e até mesmo sua higiene. Tudo o que se referia às crianças e à família tornava-se um assunto sério e digno de atenção. Não apenas o futuro da criança, mas também sua simples presença e existência eram dignas de preocupação – a criança havia assumido um lugar central dentro da família. (ARIÈS, 1981, p. 164).

Trata-se um sentimento inteiramente novo: os pais se interessavam pelos estudos dos seus filhos e os acompanhavam com solicitude habitual nos séculos XIX e XX, mas outrora desconhecida. (...) A família começou a se organizar em torno da criança e a lhe dar uma tal importância que a criança saiu de seu antigo anonimato, que se tornou impossível perdê-la ou substituí-la sem uma enorme dor, que ela não pôde mais ser reproduzida muitas vezes, e que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar dela (ÁRIES, 1981, p.12).

Portanto, a partir deste século, a criança começou a ser vista como um ser diferente dos adultos não era mais apenas um mero ser biológico. A família passou a se reorganizar em torno da criança, começou a se preocupar com ela.

Com novas viabilizações da estrutura social, econômica e familiar, começa a pensar na criança como um sujeito despreparado para tal sociedade e também nasce à necessidade de prepará-la para viver e conviver neste novo estabelecimento. A partir daí, surge a questão de escolarizar as crianças e prepará-las para o futuro; e esse é um olhar que persiste até os dias atuais. A escolarização surgiu com a questão da industrialização, porque não tinha sido necessário até então escolarizar as crianças, as escolas existiam apenas para os adultos.

Antigamente as crianças não tinham direito aos estudos, já foram consideradas adultos em miniatura, foram alvos de risos e piadas, nem se quer possuíam suas características próprias, eram tratadas como qualquer outro ser humano adulto. Porém, hoje isso acontece de forma totalmente diferente. A criança ocupa lugar de destaque na sociedade contemporânea.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei 8069/90, a criança passou a ter direitos regidos em leis:

**Art. 3º** A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

**Art. 4º** É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Diante do exposto constata-se que a humanidade teve um grande avanço em relação a concepção de infância e aos seus direitos, agora há uma preocupação com seu bem-estar, segurança, proteção, saúde, educação, tratamento, desenvolvimento, que antes não existia. A criança passou a ser reconhecida como um ser diferente dos adultos, com suas características

próprias. Enfim, todo esse avanço em relação a concepção de infância e aos seus direitos foi um processo construídos historicamente, não se apresentando apenas de forma homogênea.

### **3. O PAPEL DOS FORMADORES: FAMÍLIA E ESCOLA**

#### **3.1 FAMÍLIA**

Para Tosta (2013, p. 8), “o âmbito familiar é o primeiro socializador de todo indivíduo”. É o espaço onde a criança se forma e leva consigo todos as experiências adquiridas no decorrer de sua trajetória. São as experiências vividas no ambiente familiar quando criança, que irão interferir para a sua formação na idade adulta. Assim também diz Pereira (2008, p.45):

A Família é o primeiro e o mais marcante espaço de realização, desenvolvimento e consolidação da personalidade humana, onde o indivíduo se afirma como pessoa, o habitat natural de convivência solidária e desinteressada entre diferentes gerações, o veículo mais estável de transmissão e aprofundamento de princípios éticos, sociais, espirituais, cívicos e educacionais, o elo de ligação entre a consistência da tradição e as exigências da modernidade.

Segundo as palavras do autor, o processo de socialização de uma criança inicia-se primeiramente no convívio familiar. A família exerce papel preponderante na formação do indivíduo, e na construção de sua identidade enquanto sujeito social, ou seja, a família é o núcleo central do desenvolvimento moral, cognitivo e afetivo. Paralelo a isso o autor DI GIORGI (1980, p.26) enfatiza que:

A família atua (...) enquanto organismo social pré-político e agente primeiro da socialização da criança. [...] Todas as posteriores experiências emocionais da infância formam-se tendo por base as fundações construídas firmemente na família.

Neste sentido, depende da família em grande parte a personalidade do adulto que a criança virá a ser. Nela ocorre a possibilidade de estruturar se como sujeito e desenvolver suas chances de sobrevivência e adaptação ao mundo. Desse modo, uma vida doméstica de qualidade pode influenciar poderosamente na habilidade da criança de se relacionar com pessoas, com a sociedade, e lidar com os problemas da vida. Os pais são os primeiros professores dos filhos, pois cabe a eles a competência de bem educar para a vida, transmitindo bons valores e princípios.

A LDB 9394/96 evidencia o conceito de educação como sendo além da educação formal, pois, é na família que a criança construirá valores que serão incorporados ao longo da

vida, em que ocorre o primeiro processo de socialização que lhes permitirá traçar caminhos futuros (BRASIL, 1996).

### 3.2 ESCOLA

Após o convívio familiar, a criança passa a fazer parte de outro grupo de socialização, que é a escola, a qual também exerce influência na formação dos valores, na cultura e na identidade da criança. Di Giorgi (1980), diz que depois da família, a escola é o agente mais importante na socialização da criança.

Conforme Canivez (1991) a escola passa a ser o espaço social, depois da família. É na escola que as crianças deixam de pertencer somente e exclusivamente à família, e passam a integrarem-se numa comunidade ampla, onde os indivíduos não estão reunidos por vínculos familiares, mas pela obrigação e direito de viver em comum, em sociedade. Em outras palavras, a escola institui a coabitação de diferentes indivíduos sob a autoridade de uma mesma regra. Neste mesmo espaço, as crianças começam a ter as relações diversificadas, passam a viver e conviver com pessoas de diferentes religiões, culturas, etnias, cores e raças.

A escola é uma instituição social de muita relevância e importância, além de fornecer preparação intelectual e moral, ocorre nela, a inserção social. Isso se dá pelo fato, de ser um importante meio social frequentado por diversos indivíduos diferentes.

Nos dias atuais, há grandes conflitos e discussões em relação ao papel da escola, muitos pensam que a partir do momento em que a criança ingressa nela, a escola deve assumir responsabilidades que seriam dos pais ou responsáveis, a educação de limites e disciplina, de princípios e valores. Havendo, pois, um equívoco nesta concepção, porque esta educação, a educação básica, deve vir de casa, do seio familiar. A escola, cabe, o papel de reforçar esses valores e princípios, mas se este trabalho é realizado somente dentro da instituição de ensino e em casa os pais não fizerem absolutamente nada, dificilmente se obterá resultados satisfatórios.

O papel da escola na educação infantil resume-se em “educar e cuidar”. A escola deve se reorganizar em um todo para oferecer uma educação de qualidade a todos, sempre buscando meios e métodos diversificados e diferenciados de acordo com a realidade dos educandos, de forma a promover o desenvolvimento integral do aluno, a inclusão social; ou seja, a socialização, interação e desenvolvimento em todos os seus aspectos: físico, cognitivo, psíquico, ético e moral. Segundo o Referencial Curricular Para a Educação Infantil (1998):

A instituição de educação infantil deve tornar acessível a todas as crianças que a frequentam, indiscriminadamente, elementos da cultura que enriquecem o seu

desenvolvimento e inserção social. Cumpre um papel socializador, propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação (BRASIL, 1998, p. 23).

Sobre o “cuidar” na educação infantil, está ligado as necessidades básicas, biológicas e fisiológicas das crianças no dia-a-dia, cuidados que todo ser humano deve ter: como limpeza, alimentação e saúde. Podemos analisar isso, mais especificamente no Referencial Curricular Para a Educação Infantil (1998):

Na educação infantil o “cuidar” é parte integrante da educação, embora possa exigir conhecimentos, habilidades e instrumentos que exploram a dimensão pedagógica. O cuidado precisa considerar, principalmente, as necessidades das crianças, que quando observadas, ouvidas e respeitadas, podem dar pistas importantes sobre a qualidade do que estão recebendo. Para se atingir os objetivos dos cuidados com a preservação da vida e com o desenvolvimento das capacidades humanas, é necessário que as atitudes e procedimentos estejam baseadas em conhecimentos específicos sobre desenvolvimento biológico, emocional, e intelectual das crianças, levando em conta diferentes realidades socioculturais (BRASIL, 1998, p. 25).

Em relação aos profissionais da educação, estes têm o papel de educar e ensinar o proposto nos currículos escolares (conteúdo a ser ministrado em sala de aula) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais, contudo, esses profissionais vão muito além de suas funções, exercendo muitas vezes papéis de psicólogos, enfermeiros, assistentes sociais, assumindo responsabilidades que seriam da família, ou seja, funções que não lhe cabem. Como consequência disso tem-se profissionais sobrecarregados com todo esse acúmulo de múltiplas funções subjacentes.

Não poderíamos deixar de colocar aqui as sábias palavras de Mário Sérgio Cortella (1954) um importante filósofo, escritor e professor paranaense, onde em um vídeo na internet, (cujo título é “qual o papel da escola”?) coloca como as pessoas vêm o papel da escola. Neste vídeo Mário diz que há um massacre cotidiano sobre a estrutura escolar e sobre os educadores. Tem que ensinar educação física, educação artística, educação religiosa, educação ecológica, educação para o trânsito, educação matemática, educação biológica, oferecer merenda, discutir os valores da sociedade, fazer formação ética, fazer estrutura geral, cuidar das crianças, atentar-se para o fato delas serem pessoas que vem de famílias desestruturadas e que quando chegam a unidade escolar o educador é o primeiro adulto que ela encontra e que impõe regras e limites, que faz perguntas como: Cadê o uniforme? Cadê a tarefa? Você fez? Ou que diz para tirar o de ouvido ou guardar o celular. E então os alunos partem para cima do professor, por não aceitarem suas imposições. Depois as pessoas vêm perguntar qual é o papel da escola??? E a resposta é QUE A ESCOLA TEM MUITO A FAZER, MAS NÃO SOZINHA.

Mediante o exposto, é possível compreender que para a escola desenvolver um trabalho educativo eficiente e de qualidade, é de suma, fundamental e extrema importância a participação e o apoio das famílias junto à instituição escolar.

#### **4. FAMÍLIA E ESCOLA: UMA PARCERIA FUNDAMENTAL**

Tanto a família quanto a escola, têm o objetivo de preparar o indivíduo para viver e conviver em sociedade, de forma autônoma e crítica, de buscar meios para que a criança se desenvolva, aprenda, interaja e se socialize, claro que, de maneiras diferentes. Portanto, escola e família, precisam estar unidas na educação das crianças, trabalhando como aliadas e não como oponentes. E para que o trabalho entre as partes seja conjunto, é preciso que uma complemente a outra; verificando-se a participação de ambas no processo educativo, uma vez que “(...) a escola é uma instituição de ensino e formação – tal qual a família” (ZAGURY, 2002, p. 232).

Segunda as palavras da autora, escola e família são os “formadores das crianças”, e conseqüentemente uma depende da outra. Veja bem, para um professor trabalhar com um aluno, principalmente aquele que acaba de se inserir no contexto escolar, é necessário que o educador entenda e conheça sua realidade e experiências; isso inclui a vida familiar, sua cultura, seus costumes, necessidades, para então, trabalhar de forma eficiente, segundo as necessidades do aluno. Assim também acontece com a família, é necessário que ela esteja ciente sobre o que se passa no ambiente escolar, como anda o desenvolvimento de seu filho, para além de dar suporte e apoio a escola, saber como auxiliar o filho em casa; ajudando-as nas atividades, leituras e trabalhos por exemplo, de modo a contribuir positivamente para o seu desenvolvimento. Sempre orientando, impondo regras e limites, repassando valores e princípios.

Trazer a família para a escola ampliará os conceitos formulados pela criança, e ainda permitirá conhecer a sua cultura pessoal para que a escola possa valorizá-la ainda mais. Pensando assim, há necessidade de estarmos estreitando laços entre ambas as partes. REIS (2007, P.06) também relata pontos importantes sobre essa relação: “A escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez escolhida à escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos”. Portanto, a parceria família e escola deve ocorrer, uma vez que, é muito positiva para o desenvolvimento do indivíduo. Em parceria, ambos constroem, embora de maneiras

diferentes, as aprendizagens fundamentais para o crescimento da criança nos âmbitos social, emocional e intelectual.

Apesar dessa parceria ser um dos principais elementos para o sucesso da educação, ainda assim, há muitos pais e responsáveis pouco participativos no processo escolar. Devido a isso, a escola vem enfrentando grandes dificuldades, que poderiam ser evitadas ou resolvidas facilmente se a família fosse mais presente, se houvesse realmente apoio, comprometimento, comunicação e diálogo.

Algumas das maiores e mais frequentes dificuldades enfrentadas pelas instituições de ensino no atual momento, serão discutidas a seguir. Todos esses tópicos foram organizados de acordo com as respostas dos questionários e entrevistas realizadas com os educadores e gestores das escolas municipais e estaduais na cidade de Vilhena-RO, cujo foram objeto de estudo.

#### **4.1 PAIS NÃO PARTICIPATIVOS: DEIXAM A RESPONSABILIDADE DE EDUCAR SOBRE A ESCOLA**

“Como consequência da crise que a família atravessa, assiste-se a uma progressiva diminuição das influências familiares no processo geral de uma socialização” (DI GIORGI, 1980, p.82). Esta diminuição do acompanhamento da família claramente pode ser sentida pela escola, a qual sofre várias implicações. Segundo Di Giorgi (1980) a criança em idade escolar continua a depender dos responsáveis. Entretanto, muitos deles tornam-se distantes dos filhos, a partir do momento em que essas começam a frequentar a escola, incubindo a mesma, deveres e funções que não lhe cabe, como a responsabilidade de instruir e educar para a vida. Encontram-se responsáveis que “depois de matricular seus filhos nas escolas, parecem considerar sua missão terminada e entregam a elas toda a responsabilidade” (CAPELETTI; JAKS; KELLER, 2005, P.203).

A entrevista a seguir é citada no Livro de Léria (2006) “Professor: um herói sem medalhas” feita a uma Orientadora Educacional V.L.F. de 43 anos, há 15 anos na educação:

“A grande maioria dos pais que são chamados à escola para conversar a respeito de seus filhos acaba não vindo, mesmo após mandarmos vários recados (quando é possível telefonamos e quando conseguimos falar com algum deles se comprometem a vir, mas isto raramente acontece), ao perguntarmos aos alunos o porquê de seus pais não comparecerem à escola, recebemos como resposta mil e uma desculpas, sendo a principal: falta de tempo. O engraçado é que esses mesmos pais, no final de cada ano, quando seus filhos acabam sendo reprovados, aí sim, encontram disponibilidade de tempo para nos procurar e atribuir essa reprovação à escola e mais especificamente aos professores, se eximindo de suas próprias responsabilidades” (Lérias, 2006, p. 49).

A seguinte citação também reflete a triste realidade que muitas escolas brasileiras enfrentam quando se trata da participação dos pais ou responsáveis no ambiente escolar:

A escola não pode se responsabilizar pela total formação do caráter do aluno, isso é também, responsabilidade da família, e essa formação se processa através de um referencial pela convivência na vida diária em que – principalmente – o pai, a mãe e até os irmãos mais velhos servem de exemplo para discernir o certo e o errado, o bem e o mal. Até porque a escola nem sempre existiu. Quando, por exemplo, ainda não se conhecia a escrita, as chamadas sociedades pré-literárias, ou ainda hoje, nos grupos indígenas, em que não há escola e, portanto, professores, a educação é repassada pelos mais velhos no dia a dia, indo desde a luta pela sobrevivência, a busca de alimentos através da caça, agricultura e pesca, até cerimônias que veneram velhas tradições. Isso exemplifica a prática e a experiência transmitida pelos adultos que irão, pouco a pouco, resultar na educação da criança (Lérias, 2006, p.45).

Conforme o exposto, contata-se que está sob a responsabilidade dos pais a educação para a vida, e esses devem cumprir com seu papel imprescindível e fundamental. Após este processo, a escola vem reforçar os ensinamentos já vindos de casa. Afinal professor ensina, os pais são insubstituíveis. Se os pais não conseguirem educar os seus filhos, não vai ser o professor que vai conseguir fazer isso. Os professores podemos reforçar alguns valores como honestidade, reciprocidade, respeito, companheirismo e amor ao próximo, mas nunca vão chegar a **substituir** os pais. Enfim, aos pais cabem o acompanhamento da educação de seus filhos, portanto, não se deve delegar tão grande responsabilidade, somente a escola.

Há muitos fatores na atualidade que dividem a atenção e o esforço dos pais, e isso contribui para que o acompanhamento da educação do filho seja prejudicado. Ao serem questionados a respeito dos impedimentos, os principais motivos dados pelos pais são a falta de tempo (geralmente associada ao trabalho), despreparo (não sabem como ajudar), desinteresse, falta de conhecimento (relacionado a baixa escolaridade) e ainda existem os que dizem que “**educação é dever da escola**”.

#### **4.2 FAMÍLIAS DESESTRUTURADAS**

Vimos que escola e família são as principais instituições socializadoras de uma criança. Porém, a primeira é uma peça fundamental nesse problema intrincado. Os pais que não possuem controle, não ensinam, não educam, e também transferem suas responsabilidades para a escola, ou seja, as famílias desestruturadas, geram alunos problemáticos, inseguros e sem estrutura, com diversos problemas emocionais, e inclusive, pode tornar a aproximação entre escola e família extremamente difícil.

Quando a criança participa de um ambiente desfavorável ao seu crescimento, como por exemplo, um ambiente de brigas, prostituições, drogas, corrupções, quando não recebe o que necessita para sua formação, como limites, educação, estímulos, segurança, cuidados,

carinho, atenção, amor, educação e referências, a mesma poderá carregar traumas, medos e insegurança pelo resto da vida.

Essas mesmas crianças refletem na escola o que vivenciam em seus lares, passam a seguir o exemplo de seus pais. Nessa perspectiva, a desestrutura familiar pode ocasionar muitos problemas no desenvolvimento de um indivíduo. A criança se desenvolve conforme o ambiente na qual está inserida. A este respeito, pesquisas soviéticas apoiam-se na concepção de Vygotsky sobre o desenvolvimento da criança, em que o social e a atividade são considerados “conceitos centrais”.

Hoje é cada vez mais notório pelas instituições de ensino, que grande parte das famílias não possuem estruturas. As causas para tais situações são geradas por questões sócio/econômicas, étnicas e emocionais, por motivos como traições, separações, prostituições, drogas, bebidas, falta de comprometimento, diálogo e empatia, excesso de ciúmes, exagero nas cobranças, ocasionando enfim, consequências graves e danosas ao indivíduo que vive neste tipo de ambiente.

Ao se casar, a pessoa se esquece que o outro possui princípios e valores diferentes dos seus, que cada pessoa é única e diferente. Tantos casais se separam devido a comportamentos doentio do cônjuge, que quer controlar os passos do(a) companheiro(a) ou devido a traições, bebidas e drogas. Há ainda os casais que brigam, gritam e xingam na frente da criança. Outros mantêm relação sexual de forma exposta, sem privacidade, deixando com que a criança muitas vezes assista o ato. Crianças vivenciam experiências aterrorizantes como ver o pai bater na mãe ou vice e versa, em alguns casos levando até a morte. Crianças são espancadas diariamente. Há famílias que deixam crianças pequenas sozinhas enquanto vão trabalhar, ou na rua, convivendo com quem não seja boa influência. Muitas não orientam e não ensinam o filho no caminho em que deve andar, não mostra o que é certo e errado, deixam faltar amor em seu lar.

Vale destacar os casos de jovens que se tornam pais na mais tenra idade, sem planejamento, e não sabendo lidar com a situação por falta de responsabilidade e maturidade para criar e educar um filho, deixam o mesmo sob responsabilidade de outro membro familiar, que talvez não venha a educar como deveria. Em muitos casos a criança não possui um lugar fixo para morar, vai crescendo sem referências, em um ambiente desfavorável ao seu desenvolvimento. Dessa forma, as crianças vão sendo prejudicadas, se tornando inseguras quanto ao seu comportamento e suas atitudes. Podem até repetir os mesmos erros por estarem expostos a acontecimentos como este e outros.

Entretanto, uma família **bem estruturada** é peça fundamental na formação de crianças e jovens como futuros membros de uma sociedade. É na família que se vive e se assimila os valores fundamentais do homem e neste relacionamento estreito, com forte ligamento de afeto e cumplicidade.

#### **4.3 FALTA DE TEMPO E O AVANÇO TECNOLÓGICO**

Com o avanço tecnológico, a família, inevitavelmente, sofreu alterações em seu cotidiano, onde a mulher deixou o papel de cuidadora e passou a trabalhar fora junto ao homem, agora dividindo por igual, a responsabilidade perante a educação dos filhos (DIAS, 1997). Nos dias de hoje corremos contra o tempo, temos tantos afazeres que nos esquecemos do mais importante: a família.

Neste aspecto, a concepção de família vem sendo repensada e aperfeiçoada de acordo com cada época. Antes, a família era considerada como um modelo nuclear, onde o pai tinha o papel de provedor, trabalhava fora e era responsável pelo sustento da família, e a mãe ficava responsável por cuidar dos filhos e da casa. Mas, hoje não acontece mais desta maneira. Segundo Dias (1997), a mulher vem ganhando cada vez mais espaço na sociedade; atualmente as mulheres lutam para ter direitos iguais aos homens, principalmente nas profissões e nos salários. Deixaram a muito tempo de serem donas de casa, para competirem por igual no mercado de trabalho, deixando seus filhos com a secretária do lar, vizinhos, avós, babás, outros.

Pais de classes menos favorecidas, as camadas populares, geralmente possuem jornadas de trabalho extensas, ou trabalham em mais de um emprego, para assim garantir o sustento da família, ficam um longo período fora de casa, muitas vezes não se mostram presentes no crescimento do filho. Para Lérias:

A luta pela sobrevivência dos menos favorecidos socioeconomicamente e o esforço, sem precedentes, da classe média brasileira para conseguir manter seu padrão de vida, tem levado cada vez mais pais e mães a trabalharem diuturnamente (independente de constituírem uma família tradicional ou não, como nos casos das mães que se mantêm sozinhas ou pais separados), deixando seus filhos relegados a segundo plano. O reflexo desta situação se mostra constantemente no ambiente escolar e se torna evidente em sala de aula, observando-se os mais variados comportamentos, relacionados diretamente com a carência e a ausência efetiva materna e/ou paterna. Quando os pais são ausentes, aumenta consideravelmente a possibilidade de os filhos apresentarem problemas de comportamento. (Lérias, 2006, p.43)

Conforme o autor, muitos pais não conseguem administrar o tempo para ficar com seus filhos. Trabalham, estudam, viajam e em muitos casos vão para casa somente para dormir. Todavia, começamos a fazer parte de uma sociedade comprometida em relação aos

valores indispensáveis ao ser humano. As crianças estão crescendo sem referências de ética e valores essenciais. Essas mesmas crianças chegam às escolas doentes, carentes de afetividade, agressivas; cabendo ao professor trabalhar de forma diferenciada para atender a necessidade de cada uma delas. Percebe-se que as funções que eram da família, foram transferidas para a escola. Com isso a escola vai abandonando seu foco, e a família perdendo sua função.

#### **4.4 PAIS QUE BUSCAM A ESCOLA PARA DISCIPLINAR SEU FILHO, POR NÃO SABEREM COMO FAZER ISSO**

Nem sempre a forma com que os pais ou responsáveis escolhem para conduzir a educação dos filhos, são as melhores ou as mais adequadas. Muitas vezes eles acabam repetindo a forma de como foram educados, ou fazem exatamente ao contrário, e com certeza a intenção é sempre a melhor, mas não significa que é a opção e forma correta.

Comportamentos inadequados, como a indisciplina, podem estar relacionados à carência de acompanhamento e apoio por parte da família. Quando há falhas na formação de limites, conseqüentemente os pais acabam por perder o controle sob seus filhos.

Gostaríamos de colocar nesse momento o relato de uma professora que trabalha em uma escola militar na cidade de Vilhena onde realizamos a pesquisa, em que diz: “Muitos pais procuram essa escola por dizer ser rígida e disciplinadora. Grande parte deles chegam aqui para matricular seus filhos dizendo para darmos um jeito na criança, pois não sabem mais o que fazer com ele(a) em casa devido seus comportamentos e atitudes. Colocando a responsabilidade de educar sobre nós”. Analisando o relato, percebe-se que alguns pais vê a escola como um ponto de saída para aquele filho indisciplinado, jogando sobre as costas do educador a sua responsabilidade, porém não é esse o papel a ser cumprido.

No decorrer deste trabalho citamos inúmeras vezes que a escola não pode educar sozinha, sendo necessário o apoio da família. Imagine, se os pais não dão conta de educar um ou dois filhos em casa, quem diria um professor que ministra aulas para em torno de vinte a quarenta alunos em cada sala de aula. É importante analisar se isso realmente seria possível?

### **5. PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO ÂMBITO ESCOLAR**

Felizmente ainda encontramos responsáveis presentes e participativos na educação escolar dos filhos. Quando isso acontece é extremamente perceptível, uma vez que, crianças que recebem acompanhamento familiar se desenvolvem melhor em todos os aspectos: cognitivo, motor, psíquico, social, emocional. Pais participantes, que demonstram interesse

pelos assuntos escolares, fazem seus filhos perceberem que estudar é muito importante. Até porque podem tirar tudo de nós, menos o conhecimento adquirido.

Como a família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais, ela é considerada uma parceira a mais na busca pelo cumprimento da função social da escola e ajudará a cumprir suas metas.

Quanto mais ativo os pais, maior a chance de o filho se desenvolver, se interessar pelos estudos, tirar boas notas, e dar continuidade a uma formação após a escolarização básica. Nos Estados Unidos, a participação das famílias virou assunto de uma secretaria exclusiva, que planeja como envolver os pais na escola para ajudar a diminuir as diferenças de aprendizado entre os mais ricos e os mais pobres. Do lado das escolas, os esforços para engajar os pais não são menores. “A presença dos pais legitima a educação que oferecemos”, afirma Bartira Rebello, psicóloga do Colégio Miguel de Cervantes, de São Paulo. “A parceria reforça o vínculo entre o aluno e o ambiente escolar”.

Não há dúvidas de que a influência familiar é decisiva na aprendizagem dos alunos. Os filhos de pais extremamente ausentes vivenciam sentimentos de desvalorização e carência afetiva, que impossibilita de obter recursos internos para lidar com situações adversas. Isso gera desconfiança, insegurança, improdutividade e desinteresse, sérios obstáculos à aprendizagem escolar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Voltamos no tempo, e compreendemos o conceito de família e criança. Na Idade Média ou também conhecida como Idade das Trevas as crianças eram vistas por suas famílias e por outras pessoas, como adultos em miniatura, sem estatuto social, autonomia e particularidades próprias. As obras da época retratavam crianças em formato de adulto. No século XVII essa visão começa a mudar, a infância passou a ser definida como um período de ingenuidade e fragilidade do ser humano. Porém, a infância em si, começou a ser reconhecida somente a partir do século XIX (Ariès, 1981). Hoje a infância é considerada como um período frágil, de crescimento, e que possui características próprias, sem destacar ainda, os direitos na qual as crianças passaram a ter. Constata-se, que a infância nem sempre recebeu tanta importância quanto na contemporaneidade, as crianças de hoje possuem um lugar de destaque na sociedade. Ser criança no século XXI significa ter uma série de direitos como educação, saúde, lazer, segurança, proteção, nutrição e o fundamental direito à vida.

A pesquisa possibilitou compreender o papel dos diferentes formadores da criança: família e escola. A família é o principal espaço de referência de um indivíduo, exercendo grande força na formação de valores éticos, morais, culturais e espirituais. Tais valores contribuem de forma significativa para a formação do caráter da criança, bem como para a sua socialização e aprendizagem escolar. Assim, a participação dos pais na formação e na educação dos filhos é considerada imprescindível. Porém, tem-se observado que nos últimos tempos a família está deixando a responsabilidade de educar para a escola.

Ocorre uma confusão de papéis. Os profissionais da educação têm recebido atribuições que não lhe competem. A escola, no entanto, tem a obrigação de ensinar conteúdos específicos na área do saber, os previstos no currículo escolar, podendo posterior a isso reforçar valores que já deveriam vir do seio familiar. Entretanto, o apoio da família ao sucesso escolar permanece ainda mais implícito do que explícito.

Nesse sentido, vê-se necessário a parceria entre escola e família para promover o sucesso no desenvolvimento moral e intelectual, assim como na formação do indivíduo em fase escolar. Ambas precisam andar lado a lado na educação das crianças, cada uma exercendo o papel que lhe compete.

Verificamos que são poucas as famílias que estão acompanhando seus filhos na escola, de modo a contribuir para o seu aprendizado. Um grande número de famílias não se interessa em saber como está o desenvolvimento do filho, se omite em participar das reuniões escolares, encontra-se ausente do processo educativo das crianças, e as causas são diversas: falta de tempo, desinteresse, pouca escolarização, etc. Neste sentido, percebemos que a falta de participação das famílias no ambiente escolar é uma das maiores dificuldades enfrentadas por muitas escolas. Há inúmeros conflitos e problemas que poderiam ser evitados se houvesse maior comprometimento da família.

Entretanto, quando a criança recebe acompanhamento e apoio familiar, a mesma se desenvolve melhor em todos os aspectos, uma vez que, participa de um ambiente favorável ao seu crescimento. Os alunos que não recebem acompanhamento de sua família e são expostos a ambientes pesados, geralmente apresentam comportamentos inadequados, dificuldades em aprender, baixo rendimento escolar, falta de atenção e concentração. Em muitos casos o indivíduo pode se tornar agressivo, sem limites, se sentir desvalorizado, carente de afeto, e ainda carregar traumas, medos e insegurança inconstantemente, como também, se desinteressar ou desistir dos estudos.

Para finalizar essa ideia deixamos o relato de uma professora com 45 anos, dos quais 20 foram dedicadas ao magistério. Ela traz em pauta uma experiência relacionada a essa questão:

“A carência afetiva ocasionada, principalmente pela ausência dos pais, tem sido o principal problema que enfrento há muitos anos, e o mais preocupante é que vem se agravando, indo desde o aluno extremamente introvertido, inseguro de tudo, aquele que na hora da chamada se eu não ficar bem atenta não consigo ouvir sua resposta; passando pelo alienado, que não está nem aí com nada, até aquele que tudo faz para chamar a atenção, mas o que mais me deprime é os em educação, aquele que nunca está errado, pois não aceita ser chamado atenção e quando isto acontece sou obrigada a ouvir desaforos, até parece que sou culpada pelo seus problemas, sabre de todos os seus direitos, mas finge não saber de nenhum de seus deveres”. (Lérias, 2006, p 43).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1981.

BRASIL. **Constituição (1988). Constituição [da] República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei nº 9.394. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)**. Brasília: Senado Federal, 1996.

BRASIL. **Referencial Curricular Para a Educação Infantil**. v. 1, Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAPELETTI, Magali; JACKS, Rose Maris; KELLE, Silvia Nunes. Família e aprendizagem: reflexões sobre a influência da família no processo de aprendizagem das crianças. In: VARELLA, Noeli Klein; SILVA, Janira Aparecida da. (Orgs.). **Desafiando estruturas e criando caminhos na aprendizagem**. São Leopoldo: Oikos, 2005, p. 198-209.

CANIVEZ, Patrice. **Educar o cidadão?** Campinas: Papirus, 1991.

DIAS, Maria Luiza. **Vivendo em família: relações de afeto e conflito**. 9. ed. São Paulo: Moderna, 1997. 69p

DI GIORGI, Piero. **A criança e as suas instituições**. Lisboa: Horizonte, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 36ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2007. Coleção Leitura.

KALOUSTIAN, Sílvio Manoug (Org). **Família Brasileira: a base de tudo**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 1998.

LEI 8069/90 | LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990, disponível em:  
**[HTTP://WWW.JUSBRASIL.COM.BR/TOPICOS/10618084/ARTIGO-18-DA-LEI-N-8069-DE-13-DE-JULHO-DE-1990](http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10618084/artigo-18-da-lei-n-8069-de-13-de-julho-de-1990)**

LÉRIAS, Paulo Fernando. **Professor: Herói sem medalha**. Porto Velho: PrimmorForms Gráfica e editora, 2006.

Maturana, H. M. R. (2006). **Desde labiología a lapsicología**. (4a ed.). Santiago de Chile: Editorial Universitaria S.A.

Pereira, M. (2008). **A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso**. Universidade de Málaga.

REIS, Risolene Pereira. In: **Mundo Jovem**. São Paulo. Fev. 2002.

SILVA, A. M. L. L. **História da Educação**. Curitiba: Editora Fael, 2013.

TOSTA, M. C. **Síndrome de alienação parental: a criança, a família e a lei**. [2013].

Disponível em: <

[http://www3.pucrs.br/pucrs/files/uni/poa/direito/graduacao/tcc/tcc2/trabalhos2013\\_1/marlina\\_tosta.pdf](http://www3.pucrs.br/pucrs/files/uni/poa/direito/graduacao/tcc/tcc2/trabalhos2013_1/marlina_tosta.pdf) >. Acesso em 20 de março de 2014.

ZAGURY, Tânia. **Escola sem conflito: parceria com os pais**. Rio de Janeiro: Record, 2002.